

ESCOLA DO FUTURO: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Centro de Formação Francisco de Holanda

Guimarães, 18/05/2017

Agradeço ao Centro de Formação Francisco de Holanda e à sua Diretora Dra. Lucinda Palhares o convite para participar neste painel, na qualidade de Presidente do Conselho das Escolas.

1.

Início a minha intervenção chamando a vossa atenção para a curiosa temática deste seminário - a “Escola do futuro...” e para as reflexões que a mesma suscita.

Desde logo, como primeira reflexão, noto que a ideia de uma escola do futuro sugere, de forma explícita, que existe uma escola no presente e, presumivelmente, que existiu uma escola no passado. Mais ainda, sugere que a escola do presente não é suficiente, ou capaz, de dar respostas aos desafios educativos do futuro. Como se soubéssemos hoje como vai ser o futuro e, em consequência, tivéssemos de substituir a atual escola por uma outra que preparasse os jovens para enfrentar com sucesso esse futuro, quando chegar até nós.

A ideia é simples e poderosa: conhecendo nós o futuro, seria desejável, talvez até fácil, construir uma nova Escola, ou então adaptar a

Escola atual, para que dê as respostas educativas de que a sociedade desse futuro precisará. Aqui chegados, meio caminho estaria percorrido sendo necessário, “apenas”, saber quais as transformações a operar para construir a nova Escola e reunir os recursos e meios necessários para o fazer.

Todavia, a simplicidade desta ideia é enganadora. Desde logo, porque ninguém pode conhecer o futuro. Mesmo que muitos, com base em estudos ou impressões, possam alvitrar cenários para o futuro, conhecê-lo não está ao alcance de quem quer que seja. Por conseguinte, a escola do futuro será sempre uma escola desatualizada quando lá chegarmos ou quando lá chegarem os que virão depois de nós.

A escola do futuro também necessitará de uma reflexão sobre o itinerário a seguir, tal como acontece à escola de hoje, e ainda bem, pois será o inconformismo dos vindouros e a vontade de questionarem as suas práticas, as suas teorias e as suas instituições que os farão evoluir enquanto profissionais, enquanto pessoas e enquanto sociedade. Tal qual acontece hoje.

Portanto e em jeito de conclusão sobre esta minha primeira reflexão, diria que o guião que o Dr. Guilherme Oliveira Martins e o seu grupo de trabalho estão a elaborar para “desenhar” o perfil do aluno do século XXI corre sérios riscos de ficar desatualizado antes mesmo de se implementar qualquer medida ou estratégia tendente à sua materialização.

2.

A segunda reflexão prende-se com outra questão subjacente à temática deste seminário, que é a ideia de que a mudança é sinónimo de melhoria. Acontece porém, que nem sempre se muda para melhor, como



podemos verificar com algumas experiências educativas em que “maravilhosas” ideias passaram rapidamente a utopias e nesse limbo se mantêm. Ou então ainda reluzem e iluminam nichos bem delimitados e identificados.

Por conseguinte, as ideias e ações que procuram a mudança, ao contrário das que visam a melhoria, não são forçosamente enriquecedoras nem garantem vantagens para as escolas e para a sociedade, de *per si*. E, quer-me parecer, que se vincarmos em demasia a ideia de que precisamos de uma Escola para o futuro, podemos estar a dar sinais à sociedade de que a atual escola não serve e que é necessário substituí-la por uma outra que, estamos convencidos, será melhor que a atual e responderá positivamente a todos os problemas e a todas as exigências de uma educação de jovens para o futuro.

Nada mais enganador. Desde logo porque a escola de futuro será sempre uma escola virtual enquanto lá não chegarmos, cujas respostas às necessidades da sociedade de então podem ser mais limitadas que aquelas que a escola nos dá agora. Ou seja, concluindo esta reflexão, pra melhor tá bem tá bem, pra pior já basta assim.

3.

Se fizermos uma análise rigorosa da escola portuguesa e da sua evolução ao longo das últimas décadas, haverá que concluir, sem margem para dúvidas - e esta é a minha terceira reflexão - que em todos os momentos, ou seja, em cada “presente” e não no futuro, a escola sempre se procurou adequar às exigências da sociedade: a escola elitista de antes da revolução, a escola democrática massificada logo após a revolução e a escola democrática, diversificada e de qualidade dos dias de hoje, todas



elas, procuraram dar um resposta adequada às exigências das sociedades do seu presente. E todas elas foram mudando e têm vindo a mudar, de forma mais lenta ou mais rápida, de acordo com as necessidades sociais e sempre que chamadas a responder a desafios, alguns deles socialmente violentos.

Se observarmos bem, veremos que a escola atual é diferente da escola de há dez anos atrás, precisamente, porque se tem esforçado (e conseguido) para dar a resposta mais adequada possível às mudanças, impressionantes, que se verificam no mundo de hoje: tem sido capaz de preparar os jovens para viverem num mundo globalizado; para enfrentarem uma maior flexibilidade e fragilidade dos vínculos laborais; para conviverem com a mudança frequente do emprego e do lugar onde vivem e trabalham; para a utilização crescente das tecnologias de informação e comunicação; para as novas formas de relacionamento pessoal e profissional e para a necessidade de aprenderem continuamente, ao longo da vida, etc., etc.

Veja-se que a escola tem conseguido, até, dar resposta adequada a muitas decisões de política educativa, erradas, mitigando os seus efeitos junto dos jovens. A escola tem sido um bom exemplo de resiliência.

Portanto e para concluir esta terceira reflexão com otimismo, estou confiante que o futuro “projetado” não chegue tão rapidamente como alguns apressados preconizam. Todos os dias são um caminho em direção ao futuro e estou confiante que escola atual será capaz, como sempre foi, de o percorrer adaptando-se e introduzindo as melhorias necessárias e adequadas para oferecer aos jovens uma educação que lhes permita enfrentar o futuro com sucesso.



4.

O “Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória”, “desenhado” por um grupo de especialistas e objeto de discussão pública, preconiza um conjunto de valores e princípios que devem presidir à educação escolar dos jovens, bem como um conjunto de competências-chave a atingir pelos alunos no final da escolaridade obrigatória.

Uma das mais-valias educativas deste Perfil do Aluno decorre da sistematização e clarificação dos princípios, valores e competências a perseguir pelas escolas e pelos alunos. Pode-se dizer que o Perfil do Aluno ilumina melhor a parte final do percurso, ou do itinerário, que os alunos e as escolas devem percorrer ao longo de doze anos de escolaridade.

Curiosamente e sublinho este aspeto, no que toca aos princípios, à visão e aos valores defendidos neste perfil do Aluno - e esta é a minha quarta reflexão - afirmo que a escola do futuro, afinal, não se afasta nada da escola do presente. Digo mais: o Perfil do Aluno recoloca a escola no local onde ela sempre tem estado e de onde nunca deverá sair.

O Perfil defende a escola da curiosidade e do gosto pelo conhecimento e pelo saber; a escola da responsabilidade, da integridade, do respeito, da exigência e do rigor; a escola da procura da excelência, da vivência e defesa dos valores da liberdade e da democracia e da participação enquanto jovens cidadãos na sociedade.

Como veem, o Perfil define princípios e valores intrínsecos à Escola que não precisamos, nem devemos, alterar no futuro e que temos procurado incutir e desenvolver nos alunos, pelo menos nas últimas décadas.

O que o Perfil traz de novo, e sublinho também este aspeto, é a identificação, a organização e sistematização de um vasto conjunto de



competências-chave que os alunos devem ser capazes de adquirir e dominar até o final da escolaridade obrigatória.

A aquisição destas competências exigirá das escolas e do sistema educativo uma adaptação e renovação contínuas de forma a proporcionar aos alunos, a cada aluno melhor dizendo, as oportunidades, os espaços e o tempo necessários ao seu desenvolvimento e integração.

Forçosamente, será necessário introduzir alterações na forma de constituição de grupos/turmas, no currículo e nos planos curriculares, nas metodologias e nas didáticas, na configuração física dos espaços e equipamentos escolares, na política de manuais escolares, na formação inicial e contínua dos professores. Enfim, para dar cumprimento ao Perfil do Aluno, será necessário introduzir alterações no sistema educativo atual e, conseqüentemente, alterações também na atual escola, tal como sempre aconteceu para que tivesse sido possível acompanhar o desenvolvimento da sociedade.

Tal como aconteceria, obviamente de outra forma, se não existisse o Perfil do Aluno.

Não creio que as alterações decorrentes do Perfil do Aluno ocorram durante uma legislatura ou durante a vida útil de um Governo. Nem que delas resulte a substituição da escola atual por uma virtual escola do futuro. A escola terá um longo caminho a percorrer, não em linha reta, nem livre de obstáculos, tal como o caminho que tem sido trilhado até ao momento. A palavra-chave é “melhoria”.



5.

A minha quinta e última reflexão prende-se com a seguinte questão política de fundo: Portugal tem vindo a fazer uma aproximação galopante aos países mais desenvolvidos da Europa, obtendo notáveis progressos em todos os referenciais educativos, quer da OCDE quer da Comissão Europeia. Esta aproximação de Portugal à Europa, verificada nos vários indicadores de desenvolvimento educativo, nomeadamente na melhoria dos resultados e na redução do abandono escolar deve-se, não apenas aos professores, como é politicamente correto dizer-se, mas também a algumas políticas educativas implementadas nas últimas duas décadas, valorizadas pelas escolas e pela sociedade e que estão hoje a dar frutos.

Nesta linha de raciocínio, parecer-me-ia aconselhável e lógico que o Perfil do Aluno fosse visto como uma bússola que guiasse o Governo e a sociedade na melhoria da qualidade do atual sistema educativo e das atuais escolas e não se caísse na tentação de os substituir por um novo sistema e uma nova escola.

Preferiria que o Governo e a sociedade canalizassem o investimento público para a correção das deficiências do atual sistema educativo e das atuais escolas, com vista à melhoria dos resultados escolares hoje, e não tanto para criar uma escola do futuro.

Preferiria ver o Governo e a sociedade empenhados na criação de efetivas condições de equidade na educação escolar de todos os jovens portugueses atuais, e não tanto em responder a cenários de um futuro que ainda ninguém conhece.

18 de maio de 2017

José Eduardo Lemos

Presidente do Conselho das Escolas

